

A EVOLUÇÃO DA CRÍTICA OSWALDIANA

HAROLDO DE CAMPOS

Poeta e crítico literário

Resumo

O ensaio defende a atitude de Oswald de Andrade em relação à Semana de 22, contra o arrefecimento de ânimo frente ao primeiro modernismo manifestado por vários intelectuais nos anos 40 e 50 (os poetas da Geração de 45, Sérgio Milliet e o grupo da revista *Clima*, Mário de Andrade) cuja posição era matizada por revisão crítica daquele movimento.

Abstract

*The essay defends Oswald de Andrade's attitude regarding the Modern Art Week of 1922, as opposed to the fading enthusiasm for early modernism demonstrated in the 1940s and 50s by numerous intellectuals (the poets of the 1945 generation, Sérgio Milliet and *Clima* magazine's group, Mário de Andrade), whose position was shaded by a critical review of the movement.*

Palavras-chave

Oswald de Andrade;
Geração de 45; revista *Clima*;
revisões do Modernismo.

Keywords

Oswald de Andrade; the 1945 generation; *Clima* magazine; reevaluations of Modernism.

I O abominável homem dos trópicos ou o canibal e a marmelada

Em março de 1950, num fragmento de seu *Diário Confessional* – anotações iniciadas em 3.7.1950, uma seleção das quais foi publicada em dezembro de 64 no n.4 da revista paulista *Invenção* (dossiê dedicado “ao pensamento bruto de Oswald de Andrade”), – o autor do *Miramar*, comentando as homenagens que lhe estavam sendo tributadas no ano do seu sexagésimo aniversário, escreveu:

E esta mais! Homenagens enormes, inesperadas. Almoço no Automóvel Clube, dia 25. Carinhos que nunca tive pelos sessenta anos de lutador! Ontem o Estado deu a lista de adesões. Perto de cento e cinquenta! Paulo Mendes, do Partido Comunista. Antonio Candido, do Partido Socialista. Helena da UDN, Usar Vergueiro e Abdala do Governo. E Washington Luiz e Gastão e Alcides Vidigal. E os poetas José Paulo Paes e Décio Pignatari. Vê-se que estou no fim.

A ironia do antropófago não poupava nada e não se poupou. Para além das festividades com que celebravam os seus sessenta anos – ele preferia dizer-se “sexappealgenário” – sentia-se solitário e incompreendido. Seus livros não estavam reeditados, suas idéias pareciam não ter eco, era antes como um polemista e como um agitador inveterado que ele parecia sobreviver, como um fóssil vivo, um abominável homem dos trópicos que a sociedade e a comunidade cultural – através de representantes os mais dispare e contraditórios –, ao celebrá-lo com um ato público, pareciam antes dispostas a conjurar e a exorcismar do que a compreender. Rito comemorativo no qual o “canibal” Oswald, tocado em sua sensibilidade, em sua carência de afeto, porém não apaziguado no gume do seu dente crítico, sabia discernir o traço fúnebre. A comemoração preparava o enterro simbólico, assecuratório do silêncio final e do olvido rápido do truculento desmancha-prazeres que era Oswald, na cena literária então dominada pela neoparnasiana Geração de 45 e da qual ele destoava por berrante oposição. “Vê-se que estou no fim.” Tudo, todas as suas “atividades inquietantes” (assim ele as definia e se definia), tudo deveria acabar em “marmelada no Automóvel Clube”, como também ele próprio refere, sarcástico e lúcido, ainda que comovido, em texto especialmente escrito para a ocasião comemorativa.

O banquete do “Automóvel Clube”, colocado de propósito, desde o menu, sob o signo da Antropofagia (cordialmente neutralizado, porém, pela atmosfera conciliadora da homenagem), foi assim relatado na imprensa paulista, sob o título “Jubileu do Pau-Brasil”:

Sábado último, escritores, artistas, políticos, industriais e amigos em geral de Oswald de Andrade ofereceram-lhe um banquete de cordialidade no Automóvel Clube, comemorando o 60º aniversário do romancista, ocorrido recentemente, e o quarto de século da publicação de *Pau Brasil*.

Nesses termos o Suplemento cultural do *Jornal de São Paulo*, de 2.4.1950, iniciou a cobertura do evento. No banquete, Oswald foi saudado por Sérgio Milliet, crítico de formação sociológica européia, com estudos superiores na Suíça, modelo da ascendente geração universitária da revista *Clima* (fundada em 1941 por Antonio Candido, Decio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado e Alfredo Mesquita). Milliet era um intelectual elegante e sutil, mas de posições estéticas muito menos radicais do que as de Oswald, inclinando-se antes, por simpatia, para a mais disciplinada Geração de 45. Assinalando seu apreço pelo homenageado, Milliet começa por ressaltar essas diferenças:

Ninguém mais do que eu o criticou, meu caro Oswald, ninguém opôs maiores reparos à sua obra, com essa severidade de quem espera o máximo do autor, porque o autor é daqueles a quem se quer particularmente.

A certa altura, como quem dá um depoimento, Milliet sublinha:

Creio que você não tem ainda em nossas letras o lugar que merece. Seu temperamento de antropófago levou-o a devorar muitas amizades, a criar inimigos sem conta. Sua agressividade, não raro injusta e até, como diria Geraldo Ferraz, insuportável, afastou de você as simpatias da crítica. Mas sua obra permanece viva e volta sem cessar à tona para novas revisões, que não suportariam outras bem mais faladas e elogiadas.

A essa saudação, repassada de tom afetivo e conciliatório, respondeu Oswald no mesmo diapasão, mas sem perder a verve. No “suíço” Sérgio Milliet, patrono dos “chato-boys” universitários (que liam “desde os três anos” de idade), discerne, fisionomista certo, uma “angulosa estrutura de Mestre-Escola”, e o chama de náufrago, saudosista, “Bacharel de Cananéia” (letrado português que teria conseguido sobreviver em meio aos índios, e impor-se a eles):

Enquanto isso, você, meu Sérgio Milliet, era entre nós o Bacharel de Cananéia. Você vinha da Suíça como um náufrago. Trazia uma porção de saudades, inclusive a do simbolismo, a do socialismo e a da metrificação.

II Retrospecto contextual

Para que bem se compreenda o jogo das posições em confronto, à época, parece-me oportuno fazer aqui um retrospecto contextual.

Não apenas a Geração de 45 opunha-se a Oswald de Andrade, no plano estético. A geração da revista *Clima* (1941-1944) mantivera em relação a ele uma posição no mínimo ambígua. Predileções evidentes dessa geração de jovens críticos universitários eram Mário de Andrade, convidado, como “pessoa de reconhecida autoridade” (*Clima*, maio de 1941, “Manifesto”), a fazer o artigo de

apresentação da revista, e Sérgio Milliet. O próprio Antonio Candido, que, depois da veemente resposta de Oswald (“Antes do Marco Zero”, reproduzida em *Ponta de lança*, 1945) aos rodapés de 43 “Antes do Marco Zero” e “Marco Zero” (*Folha da Manhã*, 15.8 e 24.10), em que lhe analisara a ficção, retomara e refundira esses artigos, mais restritivos (quando escreveu o primeiro deles, o crítico ainda não conseguira obter o *Miramar*, “uma raridade bibliográfica”), integrando-os num todo mais compreensivo e abrangente, o ensaio “Estouro e libertação” (*Brigada ligeira*, 1945); que, desde o final desse mesmo ano de 1945 entretinha, por iniciativa reconciliadora do próprio Oswald, relações amistosas com o escritor e lhe prefaciaria, em 1954, as memórias (*Um homem sem profissão*) – leia-se, nesse sentido, em *Vários escritos* (1970), a importante “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade”; o próprio Candido havia, precedentemente, manifestado reservas com relação ao autor modernista e à sua geração. Isto por ocasião do importante inquérito coordenado por Mário Neme e desenvolvido, entre “meados de 1943 e princípios de 1944”, no jornal *O Estado de S. Paulo* (recolhido em *Plataforma da nova geração*, Porto Alegre, Livraria do Globo, 1945). Em seu depoimento, dizia o jovem crítico, ainda não saído da casa dos vinte anos:

A geração de Vinte foi mais um estouro de “enfants-terribles”. Tem muito do personalismo faroleiro de Oswald de Andrade, que qualificava a si mesmo de “palhaço da burguesia”, ao encetar uma fase mais funcional de sua carreira.

Nesse depoimento, dá também o crítico uma resposta programática/a uma *boutade* de Oswald, que havia cognominado os rapazes de *Clima* de “chato-boys” e, no n.5, outubro de 1941, dessa revista, em bilhete ao redator, escrevera: “A sua geração lê desde os três anos. Aos vinte tem Spengler no intestino. E perde cada coisa!”. A réplica de Candido é cortês, num tom que marca bem a pressuposta distância entre a “seriedade” dos jovens de *Clima* e a inconseqüência dos veteranos de 22, dados ao “experimentalismo hedonístico”:

Garanto-lhe que não, meu caro Oswald. O negócio não é assim tão simples. É preciso compreender que o surto dessa tendência para o estudo corresponde em nós a uma imposição da necessidade social de crítica. E a necessidade de pensar as coisas e as obras inclusive as que você e os seus companheiros fizeram, sem compreender bem o que estavam fazendo, como é de praxe.

Por outro lado, avaliando a posição de Sérgio Milliet na geração modernista, o jovem Candido, no mesmo depoimento da *Plataforma*, assim se pronuncia:

É verdade que temos entre eles um precursor, que é, por isso mesmo, aquele de quem mais nós sentimos próximos e que mais próximo está de nós. Tanto assim que só veio a se realizar e ser plenamente compreendido na nossa geração. Falo de Sérgio Milliet: da sua inteligência essencialmente analítica, da sua crítica de arte e de livros, da sua orientação sociológica, dos estudos sociais que empreendeu. Sérgio Milliet foi, de todos os de Vinte-e-Dois, aquele que mais agudamente representou a crítica e as tendências de sistematização intelectual. Por isso é como uma ponte entre eles e nós. E por isso nós o respeitamos tanto.

Trinta e cinco anos mais tarde, em “O ato crítico” (1978, hoje em *A educação pela noite*, 1987), Candido ratifica suas palavras de juventude e a imagem de Milliet por elas evocada:

Sem nunca ter sido um mestre (o que seria contra o seu temperamento), foi com certeza um modelo que antecipava a atuação de grupos como aquele ao qual eu pertencia, o primeiro formado pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. É que, ao contrário de quase todos os outros intelectuais daqui, ele tinha o tipo de formação que os criadores da Universidade desejavam instalar. Não era bacharel em Direito nem médico, não era dileitante nem foca de redação. Tinha estudado Ciências Econômicas e Sociais numa universidade suíça e adquirira aquela técnica de aprender que nós estávamos procurando dominar. Como nós, partira da sociologia, da psicologia, da economia, da filosofia; como nós, sofreu o impacto do marxismo mas também da sociologia universitária; como nós, aspirava a um socialismo democrático diferente das fórmulas reinantes.

De modo convergente, dá seu testemunho retrospectivo um dos líderes da Geração de 45 em São Paulo, Péricles Eugênio da Silva Ramos (que, assinala-se, fora saudado pelo jovem Candido, no número inaugural de *Clima*, como revelação de um “esplêndido poeta”):

Como crítico, e em virtude de sua posição de equilíbrio, Sérgio já foi visto como vulto de ligação entre as figuras de 22 e os “chato-boys” que antecederam de pouco a geração de 45. Também a geração de 45, em São Paulo, teve-o (e tem-no) em apreço em virtude da permeabilidade de seu espírito. (*Poesia, Antologia*, Melhoramentos, 1967)

Sérgio Milliet, o “Bacharel de Cananéia” no apelativo irônico de Oswald, referindo-se, por seu turno, ao apelido geracional “chato-boys” (aliás, um rótulo que pegou e perpetuou-se), explica, em traço sintético, a respectiva origem:

A geração de 22 falou francês e leu os poetas. A de 44 lê inglês e fez sociologia. A esta bem leviana se apresenta aquela. Em compensação à de 22 bem pesada se afigura a sucessora. (*Diário crítico*, 11, 1944)

III O revolucionário permanente

Foi assim, solitário ainda que no meio do alarde e do alarido; presente na colaboração jornalística e citado com frequência na crônica dos fatos culturais do dia, mas tratado antes como um *clown* do que como um intelectual cuja obra e idéias devessem merecer reflexão; foi assim que o conhecemos no ano de 1949, Augusto de Campos, Décio Pignatari e eu. Mário da Silva Brito foi quem nos pôs em contacto com o velho “antropófago” de nossas letras. Mário, um dos raros admiradores sinceros e leais de Oswald, era autor de *Três romances de idade urbana* (1946), livro de poemas ilustrado por Tarsila, onde o traço modernista de 22 ainda estava sensível, vivo, e que por isso mesmo tinha mais “afinidades eletivas” com o criador da poesia “Pau Brasil” do que seus colegas da Geração de 45, na qual, aliás, nunca se deixou acomodar, dada a sua inquietação experimental (veja-se *Universo de Mário da Silva Brito*, de 1961, já em diálogo com a poesia concreta).

Em “Oswald: livro livre”, (*Letras, Folha de S. Paulo*, 8.2.1992), artigo que enfoca a renovação da linguagem tipográfico-visual no *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade* (1927), Augusto de Campos descreve a cena do encontro:

Quando, em 1949, visitei Oswald, em companhia de Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Nilo Odália, não esperava receber o presente magnífico. A certa altura, animado pela conversa com os jovens postulantes a escritor, Oswald retirou-se por um momento e voltou com quatro exemplares das *Poesias Reunidas O. Andrade* (Edições Gaveta, em largo formato, com ilustrações de Tarsila, Segall e do autor) e os ofertou, com o seu autógrafa, a cada um de nós (a mim me coube o n.136 dessa edição de apenas 200 exemplares). Os livros – o que restava da edição de 1945 – estavam empilhados, se bem me lembro, no alto de um armário em dependência interna do apartamento. Oswald os distribuía assim, generosamente, aos poucos amigos e simpatizantes. Tal era a solidão do poeta, já quase sexagenário, que, “de facho em riste, bancando o Trotsky, em solilóquio com a revolução permanente” – como o descrevera Patricia Galvão um ano antes –, continuava a vociferar contra tudo e contra todos em defesa do modernismo e da Antropofagia, à espera do resgate das futuras gerações.

De fato, diferentemente de Mário de Andrade, Oswald nunca fez a sério, para valer, uma retratação com respeito ao Modernismo de 22, como aquela que o autor de *Macunaima*, o outro grande Andrade do movimento, expressou em sua célebre conferência *Mea-culpa* de 1942, no Itamarati (a não ser, com antecedência cronológica de quase uma década, e em modo decididamente paródico e despistador, no prefácio crítico e autocrítico do *Serafim Ponte Grande*, datado de 1933, no qual define seu engajamento político; filiara-se, com Pagu, ao Partido Comunista em 1931, depois de um encontro no Uruguai com Luís Carlos Prestes; à época, Mário de Andrade, ainda oscilando entre “bairrismo” paulista e tomada de consciência social, não tinha chegado à mesma clareza de compromisso). Proclama Oswald, contundente, no Prefácio de 33:

Enquanto os padres, de parceria sacrílega, em São Paulo, com o professor Mário de Andrade e no Rio com o robusto Schmidt, cantam e entoam, nas últimas novenas repletas do Brasil:

“No céu, no céu
com ‘sua’ mãe estarei!”

eu prefiro simplesmente me declarar enojado de tudo. E possuído de uma única vontade. Ser pelo menos casaca de ferro da Revolução Proletária.

IV Excurso “espiritualista”

Para que se entenda plenamente a associação, no texto oswaldiano, de Mário de Andrade com Augusto Frederico Schmidt, não basta ter presente o catolicismo professo e praticante de ambos. É preciso recapitular a posição de prestígio à época atribuída ao langoroso e prolixo poeta carioca, nascido em 1906, ativo, sobretudo, a partir do final dos anos 20 e durante as décadas de 30 e 40. O “robusto” Schmidt, cuja flácida retórica lírico-espiritualista nada nos diz hoje, quando comparada ao lirismo essencial de Oswald e à alta voltagem de sua linguagem reduzida, foi, desde a sua estréia, em 1928, recebido como um poeta avesso ao experimentalismo de 22. Era uma espécie de anti-Oswald. Seu prestígio cresceu na década de 30.

Posteriormente, na década de 40, foi acolhido como “grande poeta” na revista *Clima*. Ver, no número 1, maio de 1941, a seção livros, assinada por Antonio Candido, onde Schmidt é colocado ao lado de Drummond e Bandeira e merece, entre outros louvores, a seguinte apreciação:

A prova da necessidade de um neo-romantismo está na atualidade de Schmidt, certamente o maior lírico brasileiro vivo. E para empreender esta obra imensa, Schmidt possui o maravilhoso instrumento que é o seu verso, este verso admirável, de uma largueza que tem o poder miraculoso de elevar o poema a uma categoria da eternidade;

ver ainda o número 3, agosto de 1941, onde Lauro Escorel traça uma “Situação do poeta”, que assim começa:

A obra lírica de Augusto Frederico Schmidt é o ponto de partida de uma nova poesia na literatura brasileira,

Mais adiante, no mesmo artigo, lê-se:

Augusto Frederico Schmidt é, assim, o primeiro grande poeta que surge no Brasil [...] ele não é apenas um grande poeta brasileiro: é a primeira grande voz da Poesia, a mais pura e a mais alta que já se ergueu entre nós.

Sérgio Milliet, também admirador de Schmidt, “o místico dos versículos amplos” (*Diário crítico*, II, 1944), dedica-lhe estas palavras:

Augusto Frederico Schmidt fala uma linguagem de grande atualidade. É certo que o grande poeta será sempre de atualidade, porque haverá sempre em sua poesia uma perspectiva aberta para o eterno.

Já em 1950, no volume VII de seu *Diário*, o crítico vê-se forçado a registrar o câmbio de recepção:

Dos poetas românticos da segunda leva modernista um dos mais originais foi e continua sendo, porque foi fiel a si mesmo, Augusto Frederico Schmidt [...] Schmidt venceu. Foi elevado às nuvens. Mas com a nova geração seu nome tornou-se o alvo predileto da jovem crítica. Sua poesia conceituosa, condenaram-na os moços; e de seu verbo plétórico motejaram aqueles que tinham por ideal o inteiro despojamento das expressões poéticas.

Mas Milliet não deixa de ressaltar sua opinião pessoal: “É um poeta e um belo poeta”.

V O necrológio da burguesia

Mas voltemos ao Prefácio do *Serafim*. Nesse cáustico pronunciamento, a vanguarda é posta sob suspeição e as obras do autor, inclusive o próprio *Serafim* – “necrológio da burguesia, epitáfio do que fui” – são renegadas no pórtico do livro assim “prefaciado”... Mas isso se dá em modo irônico, derrisório, autoparódico.

Renegação dialética, que não impediria que, em outras instâncias sucessivas e, dramaticamente, num documento extremo – a entrevista a Radhá Abramo, publicada em 25.9.1954 (menos de um mês antes da morte do escritor) na *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro – Oswald retomasse com brio de carbonário a defesa de 22. Nessa entrevista, sob o título “Estou profundamente abatido: meu chamado não teve resposta”, Oswald se refere ao *Serafim* como seu melhor livro e declara o motivo do seu abatimento: o fato de o Movimento de 22, tão bem iniciado por ele juntamente com Mário de Andrade, ter sofrido retrocesso por força da literatura “primária e linear” que o sucedeu, afastando-se das “altas cogitações estéticas da Semana de 22”. Apesar de sua decepção, apesar de confessar-se “desiludido”, encontra ainda um resíduo de esperança para vaticinar: “O ritmo do movimento de 22 será retomado [...] 22 será retomado porque os caminhos foram traçados”.

Como se vê, a posição do último Oswald, na década de 1950, é diferente da assumida por Mário de Andrade na conferência de abril de 42 (Mário morreria em 25.2.1945, sem ter alterado sua postura): do Mário que se convencera aparentemente do caráter sobretudo “destruidor”, nada exemplar, do Modernismo heróico, “dando assim, por tabela, alento à tese restauradora dos que se preparavam para decretar o fecho do ciclo histórico de 22”, como escrevi em 1967. O Oswald às vésperas da morte (faleceria em 22.10.1954) acentuava, antes, o caráter construtivo e, por isso mesmo, exemplar desse movimento divisor de águas em nossa cultura, cujo “ritmo” – cujas “altas cogitações estéticas” –, são palavras que também usa, haveria de ser “retomado”, segundo prognostica, apesar de todas as desilusões de circunstância.

Mário de Andrade, na conferência de 1942, proclamara em tom de autocrítica:

embora lançando inúmeros processos e idéias novas, o Movimento Modernista foi essencialmente destruidor. Até destruidor de nós mesmos, porque o pragmatismo das pesquisas sempre enfraqueceu a liberdade de criação.

Essa visão iria acoroçoar a montante Geração de 45. Em 1949, passados pouco mais de quatro anos da morte de Mário, Sérgio Milliet resumia a situação no campo da poesia:

A insatisfação diante das soluções de 22, o desejo de encontrar outras, a vontade de uma afirmação original, o sentimento da urgência de uma volta à disciplina, eis o que me parece nortear os novos poetas. (*Diário crítico*, VII, 53)

Em 1956, Tristão de Ataíde, então reverenciado como grande crítico, tentou uma sistematização desse contexto estático no seu *Quadro sintético da literatura brasileira*, onde, valendo-se do rótulo “Neomodernismo”, opunha, à geração modernista, “essencialmente demolidora”, os novos de 45, postos, segundo opina, sob o signo da disciplina formal. Essa tese foi prontamente contestada, com segura argumentação, pelo jovem crítico Oliveira Bastos (admirador de Oswald de Andrade), num artigo “Vinte e Dois e forma” (*Diário Carioca*, 1.º.4.1956), em que, ao invés, resalta precisamente, na geração modernista, a preocupação com as pesquisas formais.

VI O círculo de giz da Semana

Permito-me a esta altura discordar criticamente da opinião de José Paulo Paes, quando, em seu artigo "A Semana é um círculo de giz incontornável" (*Letras, Folha de S.Paulo*, 8.2.1992), escreve:

As palavras do Mário de Andrade de "O Movimento Modernista" faziam eco as do Oswald de Andrade de "O Caminho Percorrido" (1944). É significativo que ambos esses textos sejam conferências públicas proferidas por seus autores numa espécie de ato de contrição por cujo tom autocrítico reponta, não obstante, uma compreensível nota de auto-satisfação.

A conferência de Mário, em passagens como esta:

Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição [...] E apesar da nossa atualidade, da nossa nacionalidade, da nossa universalidade, uma coisa não ajudamos verdadeiramente, duma coisa não participamos: o amilhoramento político social do homem.

— essa conferência, sim, ecoa o artigo "A elegia de abril", com o qual Mário inaugurara, um ano antes, em 1941, a revista *Clima*, onde se lê:

A minha pífia geração era afinal das contas o quinto ato conclusivo de um mundo, e representava bastante bem a sua época dissolvida nas garças de um impressionismo que alagava as morais como as políticas. Uma geração de degeneração aristocrática, amoral, gozada, e, apesar da revolução modernista, não muito distante das gerações de que ela era o "sorriso" final.

A conferência de Oswald, em maio de 1944, muito ao contrário, era uma peça de combate, um texto de afirmação e de polêmica (por exemplo: contra o reacionário Grupo "verde-amarelista"; contra as ambigüidades de Tristão de Ataíde). "Pau Brasil" é reivindicado como "poesia de exportação" e a Antropofagia reafirmada como "o ápice ideológico" na primeira década do Modernismo, "o primeiro contacto com nossa realidade política porque dividiu e orientou no sentido do futuro". "O caminho percorrido" termina com um apelo otimista e solidário:

Porque estou convencido de que só seremos felizes sobre a terra quando toda a humanidade, num mundo redimido, comer à mesma mesa, com a mesma fome justa satisfeita, sob o mesmo tendal de fraternidade e democracia.

A conferência de Mário, ao invés, espelhando no desabafo a "consciência infeliz" que afligia o escritor, conclui com uma advertência nostálgica:

Si de alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem assim na beira do caminho, espiando a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nisto, espiões da vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões.

De "espião da vida" jamais se poderia acusar Oswald de Andrade, que fizera da prática desassomburada da vida e da militância política a sua bandeira existencial.

Como um "vira-latas do Modernismo", um daqueles que "comeram cadeia, passaram fome, pularam muros", é que se autodescreve o Oswald da conferência de 1944. Sérgio Milliet, aliás, soube ver este aspecto muito bem. Em seu *Diário crítico* (II, 44) discorda da tese de Mário, quando este alude "à carência de contacto com a realidade dura, para explicar certos fracassos de 22". E argumenta:

Não posso aceitar a generalização do autor de *Macunaima*, porque não faltou no grupo quem tivesse da realidade conhecimento mais íntimo. Nem tudo era *jeunesse dorée* na redação de *Klaxon* onde o poeta Caligari aparecia faminto, nem no apartamento de Oswald de Andrade onde se reuniam os esmulambados com Frederico Rangel à frente.

O próprio Oswald, aliás, num "Telefonema" de 17.6.1948, dirigido a Tristão de Ataíde ("Conversa de velhos"), contesta o companheiro de 22:

Ao contrário do que disse Mário de Andrade no Itamarati, nessa grande querela soubemos sempre nos engajar e comprometer. Por isso mesmo tínhamos que nos aliar ou brigar. Brigamos.

Mas foi a explosiva Pagu, sofrida pelos anos passados nos cárceres políticos da ditadura Vargas, quem mais severa (e até mesmo desabrida e excessiva) se mostrou no julgamento da atitude de Mário de Andrade. Isto, ao defender 22 contra os ataques do porta-voz da Geração de 45 em São Paulo, Domingos Carvalho da Silva, durante o "Congresso de Poesia" de 1948. Pagu focalizou, em especial, o episódio da Antropofagia e o artigo de abertura de *Clima* ("A Elegia de Abril") 1941, antecipatório da conferência do Itamarati, em 1942. Confirmam-se alguns trechos de seu depoimento, também assinado por Geraldo Ferraz, transcrito no *Diário de S.Paulo*, 9.5.1948:

O nosso 22 tem, portanto, ligação umbilical com a revolução artística que a primeira guerra trouxe no seu bojo. Entretanto, os homens de 22 não completaram o seu movimento. Houve uma grossa traição. Diante da antropofagia, ramificação de 1928, Mário de Andrade confessava que só se mantinha na primeira fase da *Revista*, para manter o "aplomb". Deu-se então o estouro da boiada. A revolução de 22 acabou, embora até hoje o sr. Oswald de Andrade permaneça de facho em riste, bancando o Trotsky, em solilóquio com a revolução permanente. [...] Politicamente mais atrasado do que todos, como militante, Mário de Andrade realizou a sua evasão na poesia, dedicando-se também a objetivos pedagógicos, que era o seu meio de se tornar um "chefe", um "duce" da juventude. Sua intensa atividade de missivista equivale a um apostolado. Por ser a figura com maiores possibilidades de uma unificação do movimento modernista, ele simboliza o recuo sofrido com a fragmentação verificada desde 1928. Suas responsabilidades são enormes, e ele o confessa ao único agrupamento com possibilidades que surgiu desde a Antropofagia; o grupo que produziu a revista *Clima*. Leia-se a sua "Elegia de Abril", que é um balanço, e precariamente feito, da "inteligência nova" do Brasil. Veja-se como ele culpa a inteligência de ter sido a "mais fácil de se perverter a si mesma", transformando-se numa justificação dos atos, derivados do "enfraquecimento da sensibilidade", reduzida a "costume". Por isso ele recomenda que se obedeça mais a sensibilidade, mas tempera este conselho com um "talvez", pois vive incerto. Sempre viveu incerto [...] Há sete anos, exatamente, em maio de 1941, Mário de Andrade denunciava o tema da desistência, mas não via que ele fora o primeiro que desistira: desistira do verdadeiro papel que poderia ter tido, lembrando-se, muito tarde, de reeditar o conselho de Goethe aos moços de seu país, pedindo que se superassem, porque "não convém à inteligência brasileira se satisfazer tão cedo de suas conquistas". A essa desistência é que nós chamamos "traição".